



Entrevista “Ódio, Segregação e Gozo” ¹

Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros (Org.)

Ed Subversos

“Ódio, Segregação e Gozo” é uma excelente publicação da coleção Andamento (ICP-RJ) que reuniu os resultados do Colóquio “Figuras Lacanianas da Crueldade”, que aconteceu no Rio de Janeiro em maio de 2010 e foi organizado pela parceria entre a Seção Rio da EBP e o ICP RJ. Este Colóquio foi precedido por uma sequência de encontros que serviram de ocasião para um debate bastante rico, em um formato diferente do usual: A cada encontro o texto produzido por um autor era discutido por um grupo de participantes e “adotado” por outro autor que tinha a incumbência de finalizá-lo. Esse coletivo se propôs a tratar de temas relativos aos impasses da civilização - a questão da violência, da crueldade, da segregação, nas suas formas atuais- buscando articulá-los aos limites da clínica psicanalítica.

Essa experiência culminou em um grande encontro que agregou convidados de outras áreas de saber, e na produção desta publicação organizada por de Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros a quem endereço algumas questões:

Para Marcus André:

1 - Marcus André, você define o livro como o resultado da aposta de que sempre é possível encontrar um destino aos extremos do dizer, que não passe necessariamente por ações extremadas. A clínica nos ensina muito sobre isso e é fácil imaginar de que maneira um sujeito que atravessou a experiência de uma análise é capaz de escolher com maior liberdade os destinos que dará aos seus excessos. Como isso se dá, quando tratamos do plano coletivo, que inclui diferentes agentes e diferentes discursos? Quais seriam as boas ferramentas das quais os psicanalistas poderiam se servir para lidar com os extremos do dizer, para além dos consultórios particulares?

Gostei muito na época dessa diferença. Nem sempre o que é extremo precisa ser extremado. Ela me parecia dizer bem o ganho de uma análise, ou pelo menos o ganho que eu havia experimentado com a minha. De lá para cá, creio que posso acrescentar que a maior liberdade que uma análise dá, sempre tomando a minha como parâmetro, não é poder fazer diferente, mas fazer o de sempre como se a cada vez ele fosse a escolha da vez. Um tanto então, sobra. Isso não significa que este excedente poderá ser empregado no que eu quiser, continuarei tendo que passar pelos mesmas rotas de meus confins do dizer, só que este excedente não precisa mais ser extremado.

No plano coletivo? Gosto da definição de sintoma na conferência de Lacan em Genebra, o *infans* é banhado na linguagem e o encontro do corpo vivo com este banho retém alguns detritos na peneira. Estes restos languageiros compõem o sinthoma e delimitam o leque dos possíveis e impossíveis para escoamento do gozo nos moldes do razoável. Mas além deste leque um tanto do gozo sempre excederá. Podemos variar as combinações dos restos sinthomáticos, mas o mais interessante é poder improvisar com o excesso que os transborda, o excesso em que o real sempre estará com relação ao significante. Dito do modo mais geral: poder "fazer com" o sintoma, como orientação de uma análise levada a termo, não significa "assumir" seu gozo, tornar um gozo problemático em modo de ser. Não é "ser seu sintoma" como tantos querem hoje (vide as tribos que proliferam do DSM às Mulheres que ama demais), não é tornar sucesso um fracasso. É fazer com o fracasso. Incorporar o fracasso em seu modo de ser, mas como fracasso. Isso libera-o do peso do erro permitindo que seu excedente de vida reluza, não seria o que Lacan chama de estilo?

2- Você diz também que o analista é chamado nas situações em que a civilização encontra o que a lei não recobre. Isso idealmente, pois sabemos que na maioria das vezes as respostas do coletivo a estas situações são respostas burocráticas que acabam produzindo mais segregação e violência. Pergunto então: De que maneira você acredita que a psicanálise pode se fazer presente e se oferecer como um possível tratamento da violência em um mundo cada vez mais burocratizado? O que as experiências de psicanálise fora dos consultórios - que estiveram presentes no debate, como o trabalho dos psicanalistas na polícia militar e a Associação Digaí-Maré – podem ensinar sobre isso?

Você tem razão, as primeiras respostas às ocorrências marginais do corpo social serão sempre da doxa vigente e não da psicanálise. Mas ao mesmo tempo, só a psicanálise atura estas margens em que o extremo muitas vezes é extremado. Não é à toa se são os psicanalistas que sustentam a clínica do campo da saúde mental e em tantos outros campos em que as terapias do contrato e do senso comum depõem as armas. Foi assim no tempo de Freud e me parece ainda ser o caso. Então nem precisamos estar lá necessariamente, de corpo presente, o real nos procura.

3- No livro, você nos conta sobre uma experiência vivida na favela da Maré, da qual você se serve para - numa torção da frase de Tom Jobim: "O Brasil não é para principiantes" - afirmar que "o ser humano não é para principiantes" e que só se atinge algo do humano quando se decide dedicar um tanto da vida para lidar com isso. Você poderia nos falar mais sobre esse "algo do humano"? Seria outro nome para os restos inelimináveis da operação simbólica? Outro nome para o Gozo? Você acredita que este saber sobre algo do humano pode ser capaz de extrapolar os limites da clínica e produzir efeitos no social?

O mais humano em nós, Lacan o destaca no *Seminário 18* por exemplo, é este gozo da vida, opaco, excessivo às vezes, que nos habita e que chamamos de "gozo" desregulado, como tal, ou real. Só chegando aos confins do dizer podemos perceber que ele pode ser opaco, ao sentido, mas não é necessariamente concreto, monolítico, ou violento, pode ser vivido em sua matéria pulsante de abertura ao que virá.

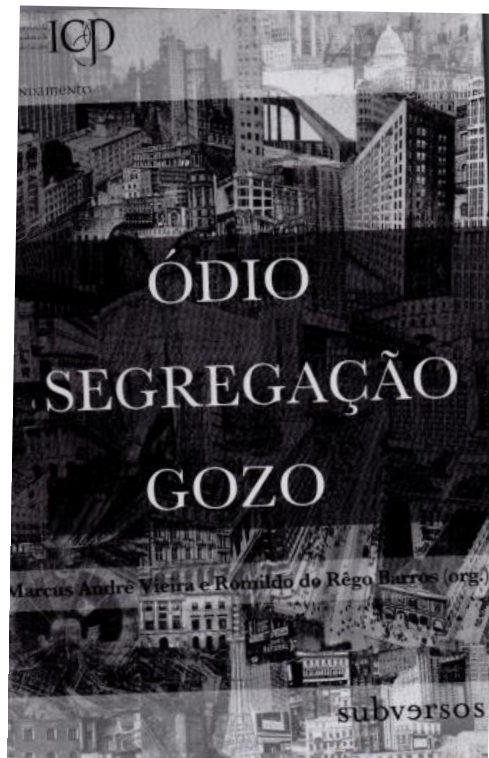
Para Romildo:

1 - Romildo, em um dos seus comentários durante o Colóquio, você diz que a grande pergunta do debate se dá em torno da questão da relação entre sujeito e objeto e que tradicionalmente, na clínica das neuroses, responde-se ao desafio da relação com o objeto

através da construção da fantasia. Você observa ainda que a construção da fantasia hoje é o que há de mais difícil e que isso constitui o problema contemporâneo da relação sujeito-objeto. Muito se tem dito sobre as consequências disso para mudanças que observamos na clínica: os chamados novos sintomas. Acompanhando as discussões que acontecem no livro, fica evidente que estas consequências não se restringem ao plano individual e que podem ser verificadas no plano coletivo. Os sintomas individuais mudam, os sociais também se apresentam de forma diferente. De que maneira você relaciona este “embaraço” na relação com o objeto aos efeitos de violência e segregação tal como eles se apresentam hoje na nossa civilização?

2-Em outro momento você nos lembra que não há como evitar que uma operação simbólica deixe resto e que a preocupação em achar destino digno para o resto não é apenas da psicanálise. “Agambem e vários outros se perguntam o que fazer com os restos, que não seja a exclusão corporal ou a eliminação”. Qual a diferença entre este tratamento “democrático” dos restos e aquele que a psicanálise propõe através de sua clínica? Além disso, você acredita que o aprendizado que se extraiu da interlocução que aconteceu no Colóquio pode ser capaz de produzir consequências para o trabalho clínico com os novos sintomas?

3 - Romildo, durante o debate você diz que “politicamente o que o discurso burocrático visa é aplinar os excessos e com isso permitir que se goze dentro de certos limites”. Sabemos que a experiência de uma análise produz mudanças no regime de gozo e por isso, gostaria que você nos falasse um pouco mais sobre as diferenças entre este “aplainamento” do gozo visado pelo discurso burocrático e uma certa regulação do gozo que acontece durante a análise.



Copyright © Subversos e Instituto de Clínica Psicanalítica do Rio de Janeiro
Direitos desta edição reservados à Editora Subversos, 2012

O24
Ódio, segregação e gozo / Organizadores Marcus André Vieira e Romildo do Rêgo Barros - Rio de Janeiro: Subversos, 2012.
274 p.
ISBN 978-85-62062-65-6 (broch.)

1. Psicanálise. 2. Violência. 3. Ódio. 4. Segregação. 5. Gozo.
6. Ato. I. Vieira, Marcus André. II. Barros, Romildo do Rêgo.

CDD 150.195
CDU 159.964.2

PREPARAÇÃO TEXTUAL E REVISÃO:
Subversos

CAPA E PROJETO GRÁFICO:
Subversos

ILUSTRAÇÃO DA CAPA E DA QUARTA CAPA:
Metropolis, Paul Citroen
Fotocolagem, 1923.

SUBVERSOS LIVRARIA E EDITORA
Endereço para correspondência:
Rua Maria Eugênia, 285 - casa 1, apto. 201
22261-080 - Rio de Janeiro, RJ
tel.: 21 9664 2506
subversos@subversos.com.br
<http://www.subversos.com.br>
<http://blogdasubversos.wordpress.com/>
subversoseditora@gmail.com

SUMÁRIO

Apresentação

Marcus André Vieira 9

Abertura

O Colóquio

FIGURAS LACANIANAS DA CRUELDADE: SEGREGAÇÃO, ÓDIO E GOZO

Glória Maron 15

Onádia Maria Rodrigues Machado 16

Romildo do Rêgo Barros 18

Marcus André Vieira 20

O objeto da segregação

O QUE A ANGÚSTIA PODE NOS ENSINAR SOBRE O OBJETO DA SEGREGAÇÃO?

Marícia Ciscato e Isabel do Rêgo Barros Duarte 25

O LOBO, O HOMEM E O LOBISOMEM: ENUNCIÇÃO DA LEI E ESTADO DE EXCEÇÃO EM GIORGIO AGAMBEN?

Cláudio Oliveira 37

COMENTÁRIOS

Ana Lucia Lutterbach-Holek 60

DISCUSSÃO 64

Ódio, um sentimento lúcido

ÓDIO, UM SENTIMENTO LÚCIDO

Rodrigo Lyra e Carlos Camargo 83

LUCIDEZ DO ÓDIO E VIOLÊNCIA DA DECISÃO

Antonio Teixeira 95

COMENTÁRIOS

Ram Mandil 107

DISCUSSÃO 111

Gozo

MAIS UM EPISÓDIO DE VIOLÊNCIA POLICIAL NO RIO DE JANEIRO: QUEM CONFUNDE O QUÊ?

Luiz Eduardo Soares 127

DO IMPERATIVO DE GOZO À PASSAGEM AO ATO

Flávia Brasil e Rodrigo Abecassis 141

COMENTÁRIOS

Cristina Daba 163

DISCUSSÃO 169

Conclusão

Romildo do Rêgo Barros 185

Bibliografia ponderada

Natiana Cordeiro 195